



*José Cardoso Pires*

## O PRÍNCIPE REAL

**S**e há jardim de Lisboa que me dê mais gosto, é o do Príncipe Real. Primeiro, por causa da árvore-mãe que tem ao centro, baixinha, de ventre antigo e de ramagem tão extensa que dá abrigo a meio mundo. Depois porque o conheci rodeado de poetas, uns em verso, outros em prosa: O'Neill morou-lhe quase em frente, na rua da Escola Politécnica, Vieira de Almeida mesmo ao lado, Ruy Cinatti na rua da Palmeira e Agostinho da Silva na Travessa do Abarracamento de Peniche, que é um recanto pacífico para meditar. Isto para não falar já do Poeta Real que se chamava Mendonça e que nunca escreveu coisíssima nenhuma na vida,

**Importante não esquecer o quiosque, porque ali se servia a melhor ginja-com-elas de Lisboa, ao balcão de janelinha, e sabiam-se os enredos que se passavam no jardim. Com bebida e conversa pelo meio, iam correndo as nossas tardes, até que, por volta das cinco horas, dava entrada no jardim o príncipe do pato negro.**

penso eu. Fizemo-lo poeta, eu e alguns amigos, porque se passeava no jardim acompanhado dum pato negro, com a altivez dum letrado do Olimpo. Se, em vez de poeta, o tivéssemos feito Príncipe Real talvez não ficasse pior, porque condizia com a majestade com que ele atravessava a paisagem.

Finalmente o quiosque. Importante não esquecer o quiosque, porque ali se servia a melhor ginja-com-elas de Lisboa, ao balcão de janelinha, e sabiam-se os enredos que se passavam no jardim. Enjaulado no seu posto, o patrão da ginginha, lotarias e produtos similares contava casos de sentimento, velhices adormeci-

das, drogados de aflição e tudo o mais que tinha lugar naqueles bancos à beira-relva.

Assim, com bebida e conversa pelo meio, iam correndo as nossas tardes, até que, por volta das cinco, dava entrada no jardim o príncipe do pato negro. Gravata de luto de seda, penteadíssimo em negro espelhado, seguia por entre relvados e flores, de cabeça levantada e olhar perdido como se andasse no horizonte do mundo.

Mas sabia-se olhado como uma aparição exótica — e esse era o seu prazer, não tenho dúvida. Por alguma razão alguém se passeia em público com um pato e, ainda por cima, com um pato negro com uma pena amarela levantada em arco na cabeça.

“Trata-se dum pato chinês”, dizia o dono do quiosque. “Daí aquela pena amarela.”

Para a porteira do Poeta Real, que o conhecia há mais de vinte anos (quer-se dizer, desde que ele e a defunta esposa tinham vindo morar para ali) o pato não era pato nem coisíssima nenhuma. Era, explicou ela mil vezes ao dono do botequim, uma reencarnação da falecida e Deus se lhe tinha dado aquela forma lá tinha as suas razões.

Ah bem, pois sim. O dono do quiosque ouvia-a de cara séria e passava adiante, porque sabia que a mulher era uma fanática dos espíritos, uma despassarada que acreditava que a pessoa, depois de morta, voltava ao mundo em forma de gente ou de animal de estimação para chatear os que cá andam. A isto chamavam lá na seita dela a passagem da alma, ou coisa assim, e só um desgraçado como ele tinha de lhe aturar essas confidências misteriosas porque, além de vizinha, a porteira era cliente sua da lotaria.

Portanto, estava assente: Mendonça, o Poeta Real, passeava no jardim não um pato ou uma pata mas a defunta mulher. Isto garantia a porteira com a mão no coração, e que ninguém a duvidasse porque assistira ao sofrimento e à morte da senhora, desde que uma doença desconheci-

da dos doutores lhe começara a dobrar a coluna até a deixar do tamanho duma criança. Do tamanho dum pato, pouco mais.

Mendonça, que até então não era o Poeta Real que reinava no jardim, quando se viu viúvo, ficou dum dia para o outro com o cabelo todo branco e deixou a casa onde vivera tantos anos de amor e de felicidade. Sumiu-se. Desapareceu, a porteira nunca soube para onde, mas admite que aquilo foi um chamado de Deus para qualquer lugar de recolhimento e de paz.

O que é certo é que um belo dia voltou, direito e silencioso como sempre, mas com um pato negro a seu lado. “Tate”, pensou logo a porteira, “pato ou pata, aquilo é ela, a falecida. Com um brilho tão cuidado e uma serenidade tão altiva, é ela, não pode ser outra coisa.” Mais: o Mendonça já não tinha o cabelo embranquecido, mas pintado de um negro tão negro como o das penas do pato. Da pata, queria ela dizer.

Foi nesta estranha aliança de luto e de silêncio que o casal do pato e do poeta passou a visitar todas as tardes o Jardim do Príncipe Real.

Percorriam-no sem se olharem um ao outro, seguros da sua companhia, até que em certo banco, sempre o mesmo, o Poeta Real se sentava a ler o “Diário Popular”. Dois passos à sua frente, num canteiro de rosas damascenas, sentava-se logo o pato e ali ficava, de bico apontado para ele, numa moldura de flores.

**M**as de repente, passados meses, anos, talvez, o pato deixou de aparecer. Morreu, pensou o dono do quiosque. Ou fugiu-lhe, quem sabe?

Fosse o que fosse, o que é certo é que o Poeta Real continuou fiel ao jardim. Ainda há pouco o vi no mesmo banco de sempre, a olhar para o canteiro das rosas damascenas, enquanto a tarde caía. ●